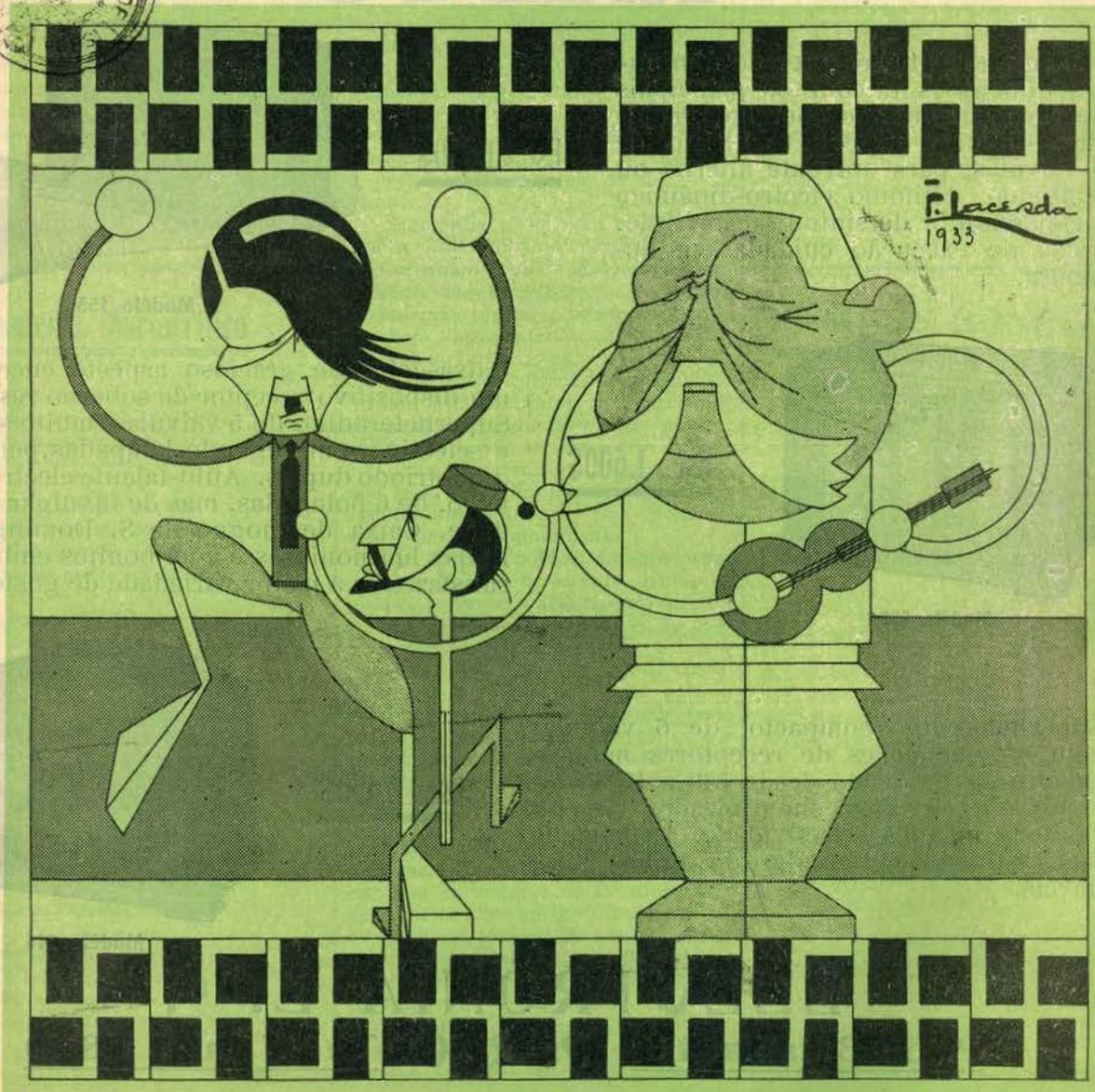


SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

A nova música alemã



O "ora agora viras tu" do judeu. Uma ária que só dança quem não fôr "ariano"

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA  
DR. KNOX

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

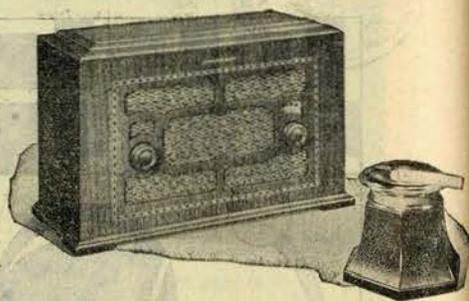
3 soluções económicas de

# ATWATER KENT

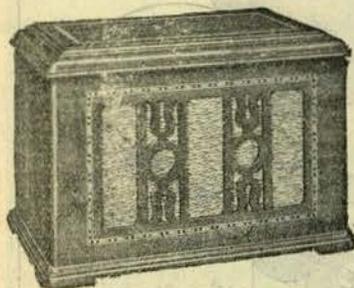
## RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonisação triplo. Caixa de execução cuidada em noqueira.

Esc. 1.000\$



Modêlo 155



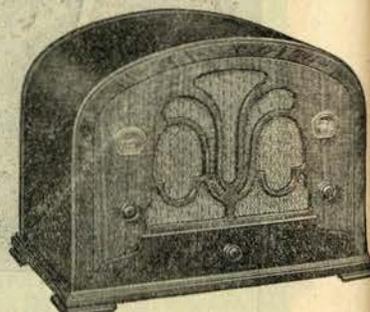
Modêlo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diódotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modêlo 246

**ELECTRÓNIA L. da,**  
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Não há de vir longe o tempo em que o governo se veja forçado a interdizer o *foot-ball* por medida de utilidade pública. Com efeito, hoje em dia, *match* de *foot-ball* traduz-se, em bom português, por assembleia geral de pancadaria. A princípio, eram apenas os jogadores entre si. Dos pontapés na bola passavam aos pontapés nas canelas dos adversários — às vezes, por equívoco, nas dos próprios parceiros — mas, como o sapateiro da anedota, raro subiam acima do Joelho. E os ossos magoados não se queixavam muito, porque, enfim, eram ossos do officio.

Com o rodar dos anos foi-se intensificando o entusiasmo, e também o espirito de emulação. Os pontapés, ao contrário da libra e do dólar, ascenderam a alturas nunca sonhadas. Pri-

meiro sobre o apêndice, depois sobre o estômago, mais tarde sobre o peito. E jogadores houve, com uma agilidade de *clowns* e uma amplitude de pernas superior às das bailarinas de *can-can*, que conseguiram fracturar, com a ponta da bota, o queixo, o nariz ou o frontal dos contrários. Fala-se até de um *foot-baller* que, em certo agitado desafio, jogou tamanho pontapé à cara de um colega, que o sapato se lhe despegou do pé, abalando espaço em fora e nunca mais tendo sido visto. Há fundadas desconfianças de que era constituída por essa peça de calçado uma das estrêlas cadentes que, há cerca de um mês, vieram à atmosfera do Porto anunciar a próxima ida à cena do *Fogo de vistas*.

Sem embargo de estes e quejandos gestos hitlerianos, o público mantinha-se numa indiferença que lastimosamente depunha contra a proverbial turbulência lusitana. Indiferença, não era bem; antes inércia. Sem dúvida, o público tinha as suas preferências. Cada um dos espectadores fazia no íntimo ardentes votos por que vencesse determinado *team*. Se, porém, os fados lhe não satisfaziam o desejo, êle, embora enervado como um homem que saiu à rua de chapéu de palha e apanha um aguaceiro, não exteriorizava o seu desapontamento.

Dia chegou, porém, em que a panela ganhou maior fervura. Então, o público começou a arrogar-se o direito, se não de jogar, pelo menos de contar os tentos. Principiou pelo árbitro, que não raro, como um espada castelhano, usa passar da arena para o hospital. Depois, pelos *teams* adversos. Por fim, dividida em dois campos a assistência, entraram de travar-se verdadeiras batalhas em que nem as senhoras se poupavam. Tudo batia, e tudo levava. A intervenção da policia tornou-se fatal, como nos antigos melodramas a intervenção do céu. E esta, em meu entender e no de muito boa gente, a melhor parte do espectáculo. De alguns aficionados sei eu que, quando os desafios correm ordeiramente, vão no fim ao *guichet* exigir a restituição do seu dinheiro.

E o entusiasmo pelo *foot-ball* foi alastrando, — e com êle a ânsia de molhar a sôpa nas costas alheias.

Aldeia contra aldeia, vila contra vila, cidade contra cidade, provincia contra provincia. Veja-se o que se passou em Lisboa, num célebre *match* em que os de Benfica tão mal ficaram. Veja-se o que se passou, há meses, em Guimarães. E veja-se, agora, o que se passou na estação de Vizela. De um lado os da terra atirando pedras e gritando: «Olha a beija!» para que os vimaranenses dessem casca. Do outro os viajantes apeando-se e cascando de grosso.

Por onde se prova que, se é da praxe, após os desafios, retirarem os árbitros nos braços da Cruz Vermelha, os jogadores e os seus partidários necessitam de retirar — em combóio blindado.

Marcial Jordão.

## Cancioneiro Mariarrítico

Quem é caixeiro tem caixas,  
Quem tem piche é picheleiro.  
Quem é vareiro tem varas,  
Quem tem mulas é molciro.

Esse teu chapéu de côco,  
Quando o trazes no toutiço,  
Tantos insectos abriga  
Que até parece um cortiço.

Lavadeira lava a roupa,  
Esfrega-a entre as mãozinhas;  
Mas não digas às cachopas  
Que essas cuecas são minhas.

Minha sogra toca flauta.  
— E às vezes toca-me o lombo —  
Tocam pratos minhas primas,  
Minha mulher toca bombo.

As beatas lá da Sé,  
Vão-se abrigar, quando chove,  
No portal do sór abade,  
Rua tal, sessenta e nove.

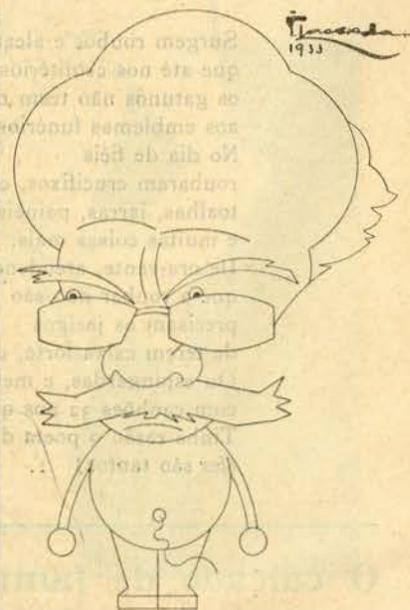
Na borda dum lenço branco  
Tu bordaste um coração.  
Deu-me uma dôr de barriga,  
Fêz o lenço um servição.

Olegna.

## OS MEUS BONECOS

XVI

DR. BENTO CARQUEJA



ou a mascote da Academia de Ciências...

# Rês-do-cnão

## Balancete da semana

Em Fão, um operário, já casado,  
abandonou a esposa, cruelmente,  
p'ra ir viver com outra, — um bom bocado,  
de corpo tentador e olhar ardente.  
Mas a mulher legítima  
não gostou, claramente,  
da traição de que tinha sido vítima.  
Foi ter à nova casa do marido,  
gritou, chorou em brados lancinantes,  
fazendo tal ruído  
que o povo, condoído,  
por pouco não matou os dois amantes.  
Foi o homem preso. E o administrador,  
escutando o rapaz,  
captive do seu novo e grande amor,  
sorriu, mandou-o em paz...  
Em paz... Porém, que paz pode gozar  
um homem que em amar não tem medida  
e que vai — infeliz! — passar a vida  
co'uma mulher à perna e outra no lar?

Cantam vitória, ardendo em vivo fogo,  
os jornais espanhóis da oposição,  
porque o banqueiro March, um bom ratão,  
deu às de Vila-Diogo,  
já farto de prisão.

Os governamentais, muito ao contrário,  
chamam-lhe um homem vil, muito ordinário,  
e reclamam a sua extradição.  
Ordinário? Será. Embora doente,  
cataplasmas não quis, nem qualquer parche.  
Abalou porta fora, velozmente.  
Foi ordinário... March!

Surgem roubos e alcances de tal jeito,  
que até nos cemitérios  
os gatunos não tem nenhum respeito  
aos emblemas funerários.  
No dia de fiéis  
roubaram crucifixos, castiçais,  
toalhas, jarras, painéis,  
e muitas coisas mais.  
De ora-vante, atendendo a tais amigos,  
que a roubar não são mancos,  
precisam os jazigos  
de terem caixa forte, como os Bancos.  
Ou espingardas, e metralhadoras,  
com canhões 32 nos quatro cantos.  
Tinha razão o poeta dos *Doloras*:  
êles são tantos!

Turlddu.

# Mariarritadas

Um telegrama da Havana comunica que na rua Chácón, à hora em que o govêrno se encontrava reunido no Palácio Nacional, explodiu uma bomba em frente de uma padaria, cujo recheio veio parar cá fora, ficando a calçada repleta de biscoitos e pão carbonizado.

Devem os cubanos, agora, mudar a designação da rua, que ficará a chamar-se: Rua Chácón biscoitos e torradas.

Os pobres dos judeus expulsos da Alemanha não encontram palmo de terra onde possam apêgar. Tentam desembarcar em Creta e no Egipto, e não os deixam. Saltam na sua antiga pátria, a Palestina, e os árabes atiram-se a êles como gato a bofes.

O melhor é irem para qualquer deserto, onde talvez se lhes depare uma nova terra da promessa. Faltam-lhes para isso, é certo, os chefes que tiveram outrora. Mas encontram-nos em Portugal: os srs. Moisés Amzalack e Aarão de Lacerda.

Primo de Rivera, chefe do partido fascista espanhol, fêz um discurso em que declarou que o programa da nova facção política consiste apenas nisto: abraços e beijos.

Com um programa de estes, vai o partido engrossar a olhos vistos, tanto mais que já nêle se filiaram muitas mulheres. E é de crer que as sessões se realizem à porta fechada e sem a comparência da policia.

Assim se caminhará para o estado novo que Primo de Rivera preconiza, — através de vários estados... interessantes.

NAS

**Galerias Lafayette**

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inexcelível

AUX GALERIES LAFAYETTE

O calçado de fama

53, Largo dos Leões, 54—PORTO

**DIANA**

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

# COCKTAIL

Um livro de Mil Reis que vale muito mais

Quis o destino que a nossa MARIA RITA, ao nascer, se não limitasse a ser beijada pelos pais e acarinhada apenas pela comadre que a ajudara a vir ao mundo. Dentro de algum tempo, mal andava ainda, passou a ser amimada pelas visitas da família e a passar de colo em colo cuidadosamente. E como era alegre e ria por nada e por tudo, algumas dessas pessoas passaram a ter-lhe verdadeira afeição e a ser para ela tanto como os pais.

Foi o caso do nosso amigo Mil Reis, de Coimbra. Passou por acaso, e ficou preso aos encantos da pequena, ao mesmo tempo que ela lhe estendia os agradecidos bracitos.

Era um desconhecido; mas era um amigo e tanto bastou para que os da casa entendessem confiar-lha.

E mal não andaram, porque afinal Mil Reis, não era um desconhecido. Soubemo-lo há dias, por um livro seu: *Cocktail*.

Mil Reis, é nada menos, meus senhores, do que Marcolino Reis, um moço que em Coimbra completa um curso distintíssimo, alguém que foi distinguido pelo nosso governo com uma viagem à Itália.

Mil Reis é pois alguém para toda gente, e para nós é mais do que isso porque é um colaborador brilhante e um bom amigo.

O seu livro *Cocktail* apresentá-lo-á V. Ex.º muito melhor que nós que pouco jeito temos para salamaleques.

Vibra em todo êle a irreverência sagrada, e como tal desculpável, que vemos visto nas suas *Cartas do Montego*.

Para dar uma ideia do que é essa combinação de formas de sentir, bastará dizer que nas suas primeiras cinquenta páginas, as mulheres são zurzidas com mão de verdugo, para depois, nas restantes, serem elevadas até aos pináculos da sentimentalidade. E é assim que se cozinha um esplêndido *Cocktail*.

Recortamos meia dúzia de pensamentos para se aquilatar da mordacidade verídica e da observação justíssima de Marcolino Reis.

— Uma mulher que se pinta, é uma pintora que expõe, todos os dias o mesmo quadro.

— Uma mulher que muda frequentemente de vestido, é uma mulher que sabe ser sempre igual.

— A mulher é como o cigarro — só sabe quando apetece.

— Uma mulher que pensa é uma mulher que se esquece, por momentos, que é mulher.

— Todo o bom marido deve deixar chamar a mulher. Pelo menos enquanto deita baforadas não diz asneiras.

— A mulher tanto pode ser o equador como o polo, não deixando todavia de haver regiões temperadas.

— O casamento é como o sabão: tira as nódoas.

— O melhor relógio de uma mulher casada... é o marido.

Ora como pelo dedo se conhece o gigante, já V. Ex.º podem fazer uma ideia do que é este *cocktail* condimentado com álcool a 90 graus e ervas doces, porque o restante do livro não fugindo dos pensamentos e conceitos da primeira parte, deita um bocadinho de água na fervura.

Mil Reis é, sem dúvida, um finíssimo espírito de humorista que muito gosto temos em felicitar, aguardando que nos dê um belo aperitivo de quando em quando.

Que as mulheres lhe perdoem assim como nós lhe perdoamos as imerecidas palavras da dedicatória.

J. d'A.

## PERFIS DO PORTO

L

ZECA GUIMARÃES



O Homem dos Bigodes... mais compridos do que êle todo

**Estudantes "di lá" longe do Pôrto — Um remate oratório bastante carioca — Comentários grátis e muito oportunos**  
**:: :: dum monóculo com menos de 90 serrilhas :: ::**

O Nhô nhô Araújo Jorge (entre nós chamar-se ia Jorge Araújo), um dos mais pleonásticos e compactos oradores da recém-partida Embaixada Brasileira, — saiu-se, no Pôrto, com estas duas frases, emfim de lenga-lenga:

«Nada nos separa, tudo nos une!... Como há anos dissera o dr. João de Barros, portugueses e brasileiros devem caminhar unidos peito com peito.»

Bravo! Bravíssimo! Palmas, mais palmas. Terminou a apoteose? Então analisemos o que Sua Ex.<sup>a</sup> proferiu: Sim, se nada nos separa, tudo nos une... Tudo? Oh, que horror!... Tudo não!... Era o que faltava!...

Agora o que acho extraordinariamente incômodo é isto de se caminhar unidamente peito com peito!... Pode lá ser!...

Em dança ainda se admite, tal ideia. Mas mesmo em dança os peitos não vão unidos, porque a dama, conquanto não reflite, pode tomar a sério a juxtaposição *patriótica* e aí temos complicações da ordem matrimonial.

Em marcha ordinária acho detestável o *figurino*.

E tanto mais detestável, quando mais másculo fôr o parceiro que nos entregue o peito sêco e peludo ao manifesto.

Arreda!...

¿Como quer o sr. Araújo Jorge (não creio autor do gracejo o padrastrô sisudo da *Odisseia* em prosa) que nós, portugueses, os eternos amorosos à Leonardo dos *Lustadas*, nos sujeitemos ao roçar epidemático com peitos florestais dos manos do Brasi?

*Nã, na! Nós aqui non gustã di home, està vendu?*

Não concordo pois — é o concordas! — com o dizer expelido!

No entanto, para a minha plena aprovação, bastaria, na frase sabida, uma troca letra. Em vez dum o um a.

E assim, após a correção, leríamos: «...portugueses e brasileiras devem caminhar unidos peito com peito!»

Oh lá se devem!...

Nessa altura eu preferia não caminhar. Bastava-me o resto, o resto e... *não lhis digo más nada!...*

Fernando.

## Posta restante

*Zé das Nabijas* — Temos tudo o que precisa. Por ser por junto podemos fazer um desconto de 20%. Mande direcção.

*A. Ventura* — Julgávamos que tivesse morrido. E sabe? Já nos fazia falta. Obrigado.

*Greta Garbo* — Não veio a tempo a quadra. Eis a razão.

*Zé Caminha* — Estraviou-se e temos pena. Se puder repetir será publicado. Mande sempre.

*Ziul* — Também não chegaram a tempo as quadras enviadas.

*Chouriço* — É o que se chama um pau por um olho. Agora o que tem de ser é a colaboração ficar na redacção até terça-feira à tarde. Um abraço.

*M. J. Soares* — Esplêndida. Criaremos uma secção especial. Já tínhamos outra do mesmo género que vai para a semana. A sua será publicada no número seguinte.

*Severa* — Está cá tudo. Vamos a ver se teve sorte.

## Secção Semi-Mundana

### Nascimentos

Encontra-se no Pôrto, com a Companhia do Avenida, o actor Nascimento Fernandes.

### Partidas e chegadas

Partiu ontem a cara à sogra, o nosso amigo Bento Lameiras. Toda a família foi unânime em afirmar que foi muito bem feito.

— Chegaram a vias de facto dois conhecidos jogadores de foot-ball. Aguardam ambos o próximo encontro, para liquidarem definitivamente o assunto.

— Partiu uma perna o nosso particular conhecido de vista Sebastião Pinto. As nossas felicitações.

— Chegou ontem a casa bêbedo, o nosso amigo Chico Barbosa.

Ignoramos mais pormenores.

### Festa íntima

O abastado comerciante Epifânio Tóla, fez ontem uma festa no rosto de sua esposa, que ficou radiante com esta festa íntima. Os convidados retiraram-se encantados com a amabilidade dos donos da casa.

## O teu chapéu vermelho...

Não sei porquê, mas esse chapéu rubro, faz-me lembrar as pernas duma actriz! Não é pois um defeito o que descubro, Mas sim uma atracção, um chamariz...

Assim minha amiga, és mais galante, E's como um manjar apimentado; Que se prova e engole num instante, Ou só com o olhar saboreado...

E's igual assim toda garrida, A uma bem composta exposição Onde está fazenda a ser vendida...

Abençoada chuva de carvão, Que pusesse o teu chapéu querida Escuro como a noite, ou um tição!...

Rel-dós Nabos.

Houve domingo em Negrelos Assanhado futebol; Não valeu um caracol Mas foi dando alguns flagelos.

Não fui lá; mas o passeio Era dos tais de tentar: E deixei ir ao torneio Quem mo veio cá contar.

A ida foi um prazer Por esse jardim do Minho. Fôlhas a amarelecer, Oiro esmaltando o verdinho...

Tudo luz, tudo alegria Na tarde amena e mimosa, Dando à alma a louçania Que a faz doce e generosa.

Caminheta, gira, gira, Por essas estradas fora; Mais fresco o ar se respira E chegamos mais à hora!

E' já perto, é quasi lá, Surge a frente um rapazola, E grande susto nos dá Agitando bandeirola.

«Assufeca» o condutor Julgando ser precipício, E faz alto com temor Deixando a gente em suplicio!

Mas dura pouco o pavor, Ao ouvir-se, qual num «rádio» A voz do tal estupor: — «Quem quer bilhetes p'ro Stádio!»

E parou a caminheta Por tal coisa! Ah! bom *pinhão!* Quem te pregasse *galheta* Nesse focinho de cão!

Chegamos. A bilheteira Dizia logo do mais, Com tábuas de costaneira Com que se fazem currais.

O Stádio, coisa arranjada! Terreno todo em ladeira! Coisa fina, apilarada, Esse Stádio de primeira!

Começa o jogo. Eh! valente! Aquilo é que era jogar! Aos três chutes, num repente, Andavam sócos... p'lo ar!

Agarram-se, há bofetões, Rasgam malhas, pança ao lcu, Há rasteiras, trambulhões, Sócos em falso, p'ro ecú!

Uns gritam, muitos apitam Num chinfrim disparatado; Por fim lá se capacitam ...De que tudo está... treinado!

Aéba o jogo à feição, Com perda só da farpela, Colhendo a consagração A' passagem em Vizela.

.....  
Tarde risonha, feliz, Que todos deixa contentes, Com dó de mais que um nariz E queixume dalguns dentes.

Zé da Sé.

## IMPRESA

Ao velho jornal humorístico *Os Rídiculos*, agradecemos as referências feitas à nossa secção «Teatras e Cinematográficas».

# DESCANSO SEMANAL

A revelação de "O Comércio de Gaia". O formidando escritor sr. Domingos Fernandes Braga e a sua prosa.

:: :: :: Quem nos acode pelas almas!... :: :: ::

O sr. Fernandes Braga, não é, como julgávamos, apenas autor da celebre **Berta**, calibre 42, a que este senhor chama romance e se publica em folhetins no grande semanário parroquiano *O Comércio de Gaia*.

Não senhor!... Este homem, tem uma tal provisão de asneiras, que lhe chega para polvizar muita prosa. E' pena não saber fazer versos senão encontrava um censor no sr. Mesquita Júnior!... Damos em seguida alguns de um seu artigo de pêso. Tem três chamalhões como os romances antigos de epa e espada, e foi publicado na *gigina infantil* do consabido periódico.

CARTAS DE MAGNO E A SUA DESDITA

## Adoração e Paixão!

Non possumus = Não posso

A tí, *Maria Herminia!*... fruto do meu amor!

«Ouve, minha filha, com a tua atenção de jóvem, mas que tens um espirito lucido, para ires conhecendo os transportes do coração humano:

Que o senhor te illumine os passos na senda tempestuosa da tua vida, e a mim me não desampare. São estes os males que te posso ambicionar, e recórdo-te o proverbio antigo:

«Filha és, Mãe serás, assim como fizeres, assim acharás».

Desabafo contigo os segredos da **minha vida juvenil**, cercada de quimeras, mas atravessada de amargos desenganos!

Toma muito cuidado nesta leitura e tira dela o sumo da virtude mais perfeita.

Guarda contigo os meus escritos e respeita-os, **porque são dignos de ser guardados cautelosa e religiosamente».**

Lé com atenção, e verás como a **centelha de um olhar, produz uma paixão grande e uma amizade orvalhada pelo rócio do céu.**

Chama-se a isto não ter vaidade nenhuma. E chega a ter razão porque os escritos dêle já teem tal valor que são arquivados na **MARIA RITA**.

Continua o homem:

*Mariazinha.*

Com os olhos fitos no firmamento, analisando os satélites que o esmaltam em noites serenas do outono, eu com o coração alvoroçado, sentia a minha alma embriagada de amor por uma mulher! Formosa e subtil como o cristal era ela, e adivinhei pressurosamente aquella que havia de ser o meu norte em passos longínquos. **Mas... a tibieza do rasgo que incendia o génio, que o mortalisa fazendo da fra-**

**queza força, essa mesma tibieza revestida do respeito que factos aconselham... um passo dado em frente seria temor!... Cantava eu então, no silêncio que essa tibieza gerou, uma Canção Rítmica, cujas estrofas e sons místicos, provinham da Harpa Sonante de Magdala — sons mais que místicos que se ouviam diariamente do medilhar dessa harpa magestosa que sublimava o ambiente da Palestina e me envolviam em sonhos de amor!**

Esta coisa de dizer a uma criança que é a tibieza do rasgo que incendia o génio, não lembrava senão ao pai Rodrigues Braga!... E quando ele então se pôs a cantar no silêncio dessa tibieza, muito havia de se ter aborrecido a pobrezinha!...

Mais adiante diz:

.....  
*Um coração quando ama, procura na inspiração da música o motivo mais rico para amar e dar-se pelo coração inteiramente! A mulher que me arrebatou e que soube gerar no meu coração um amor, a principio subtil, transformou pela minha tibieza numa adoração profunda.*

Muito magro deve ser de pernas o sr. Fernandes Braga! Só tendo as tibias afiladas se compreenderá que empregue tantas vezes a palavra **tibieza**. Verdade seja que da última frase não se compreende nada.

Prossigamos:

*Correu tempo e a nostalgia vinha criando fortes raizes, mas, a timidez, continuava cedendo à mesma nostalgia dum amor dilecto.*

**Mas... as horas foram passando, como o coração manda, como da cratera dum vulcão, surge a lava do heroísmo e então que acontece?**

*A vitória do amor proclama-se e a pequena amizade transforma-se numa paixão ardente — sequência fatal num coração virgem e moço que gera fantasias encantos, poesia e cálculos de futuro.*

Esse segundo período diz-nos que não diz absolutamente nada. E quando nós não percebemos que já somos crescidinhos, como há de compreender a pobre **Mariazinha!**!...

Quanto ao terceiro, diz-nos uma coisa nova: é que o coração gera cálculos como se fosse uma bexiga em estado matemático.

*Andiamo e Vederemo...*

*Eu tinha em cada momento uma voz cristalina que feria o timbre dos meus ouvidos com este conselho:*

*«Luta com Fé, e esse amor que nutres pela formosura dessa mulher prometedora de uma boa esposa, nos precalços da tua vida, faz, sim, desse amor, uma espada brilhante e que illumine o teu coração apaixonado!»*

*Luta e vencerás!*  
O sinal deste conselho matou a tibieza e o meu génio rebosteceu-se procurando essa lentadora, em cujos lábios bailava sempre uma palavra doce.

Não se percebe patavina deste pedaço. Então se foi o sinal quem matou a tibieza para que diabo o hominho transformou o amor numa espada brilhante, que iluminava o coração como uma vela de estearina?!...

E já chegamos ao fim:

*Mas ela, cheia de temor, seus olhos succudindo chispas de fogo como que mostrando o apetite de confirmar o Sim da sua alma, pergunta minha:*

*Ano-a e sou amado?*  
*Sim... sou sua e peço que me ame também com alvoroço!*

*Prometti-lhe que o meu amor falecia quando os fios da minha existência partissem. Seriamos amigos na felicidade no tormento e na dor — Amizades que só o nosso coração podia sentir.*

*Selado este juramento, a minha vida foi a dela e a sua foi a minha!*

*Até quando? Depois te direi, minha filha.*

*Vivei e que Deus vos ajude.*  
*Recebe beijos do teu*

Magno.

FERNANDES BRAGA

E cá ficamos nós à espera que o **Magno** (não será **Magno**, sr. Fernandes?) não diga o que foi a vida de ambos. Entretanto, ficamos a julgar que a sua mão terá sido muito sossegada, porque uma mulher que sacode as chispas dos olhos como mostrando o apetite, não deve servir senão para sogra.

P. S. — Sr. Mesquita Júnior:

Recebemos e agradecemos. De alguma coisa lhe serviu a **carta aberta**. Pelo menos fê-lo ser mais bem educado. A diferença das suas duas correspondências é enorme. Não pregamos no deserto e é este o nosso unico intuito. Gostamos de terçar armas com todos aqueles que saibam respeitar o papel branco onde escrevem.

Voltaremos a dizer-lhe qualquer coisa, e apostamos em como, depois, o sr. Mesquita nos dará razão e deixará as quixotescas varredelas de leiras... Até à vista...

## Posta Restante

Carta à actriz Maria Matos.

Você — vai assim mesmo, *tout court*, como diria o Erico Braga, a quem a gente de teatro chama o *velho Braga*, talvez por ser careca — ainda é hoje, nesta santa terrinha onde, como cogumelos em mata húmida, tanto medram os actores enucos de geiteira, um valor marcante na cena portuguesa. Você entusiasma-me, agrada-me, sim, senhor. Mas é quando a vejo dentro do seu *emploi*, como diria o Juliano Ribeiro, envulocrada (esta até parece do Edurisa!) na pele dessas velhas das comédias de traço grosso. Ai, sim, Você é inimitável. Mas quando a vejo (já a vi, para desconto dos meus pecados!) na *Dama das Camélias* e em *A segunda mulher de Tanqueray*; quando a vejo a fazer ingénuas ou damas gatas (desculpe admirável comediante) é como se um balde de gelo caísse por cima da minha *delicada* epiderme. Já sou velho; e como tal não posso esquecer a sua mocidade encastoadada em irritantes donas. E que bem Maria Matos! Que bem!

Via, no *Sá da Bandeira*, na *première* de *A Feira da Alegria*. Estávamos ao pé um do outro, cotovêlo com cotovêlo. Você não reparou em mim, mas eu reparei em si, por esse velho hábito que não perco de admirar quem tanto me fez rir.

Trouxe-a ao Pôrto e levou-a ao teatro, certamente, a curiosidade de ver triunfar a sua filha, a moça actriz Maria Helena. Mas que triunfo foi esse, santo Deus! Foi o triunfo da carne sobre a arte, foi o triunfo dos olhos sobre o ouvido!...

Quando Maria Helena apareceu no palco, eu estremei. E estremei porque me habituei a ver em Maria Helena um botão prometedor a desabrochar, lenta mas vitoriosamente, para o jardim da Arte. Olhei para si e pareceu-me vê-la sorrir com íntimo orgulho. E' lógico esse sorriso. O autor dum obra orgulha-se com o seu trabalho se este causa sensação. A sua filha é obra sua e, digamos sem reticências dúbias, uma obra encantadora. Justifica-se, pois, o seu sorriso de orgulho — já que tantos olhares caem sobre o corpo dela, como formigas lambareiras sobre um torrão de açúcar...

Mas, minha ilustre Actriz, eu desejaria que Você saísse indignada do teatro, porque a sua filha, a sua linda Maria Helena não nasceu para a revista.

Maria Helena tem, além da glória

da sua mocidade, a beleza dum decidida vocação artística. E, de há um tempo a esta parte, a vocação é posta de banda para que a carne triunfe.

E Você assistiu a tudo isso, ali no *Sá da Bandeira*, no mesmo teatro onde a vimos a ela, pequenina e moça, a erguer as asas de ouro da vocação para um vôo precocemente alto de arte, e evoquei, nesse momento, os seus belos trabalhos no *Era uma vez uma menina*, *Rosas de todo o ano*, *A sentinela morta*, etc., — e, sobre mim, desceu um pano pesado de chumbo. E, na sua mascara, minha admirada Actriz, a brasa ardente daquele sorriso íntimo de orgulho continuava a cintilar materialmente...

Mas eu que tenho o vício de conservar aceso um fósforo até que me queime os dedos, gostaria de ver a Maria Helena longe dos leilões de fêmeas e vê-la seguir a brilhantíssima carreira que lhe estava destinada. E você que é mãe e é artista, faça o milagre de a trazer ao bom caminho da arte e consiga dela aquilo que ela é: uma ingénua através de tudo.

E desculpe a irreverência a este que se assina.

Sarcey Senior.

A tempo — Vi pelos jornais que na próximo semana ingressarão as duas numa companhia de comédia que leva o seu nome no cartaz. E fique contente, muito contente mesmo... Perdoe...

S. S.

## Novas, Ecos & Boatos

Fala-se em crise teatral a todo o instante. Agita-se o *chavão* como quem tremelica com uma campainha. Mas crise de quê? De público? Fácil é remediar o tremendo mal. Olhem para o que sucede com o *Batalha*, o *Rivoli* e o *Carlos Alberto*. Ponham mais baratos os preços dos lugares — e, para isso, reduzam os ordenados irrisoriamente elevados de certa gente de teatro. O teatro hoje é, no geral, caro e mau. O que há, o que é confrangedoramente arripiante, é a crise de arte e de bom-senso.

— Há dias ensaiava-se, no *Sá da Bandeira*,

uma nova revista, que ainda não tinha música. Um dos não-empresários dizia, empanturrado de importância: não me importo de gastar di-

## Satanebrante



Fizeram as Pazusa dos Pozes

nheiro, quero mesmo pagar mais, mas quero uma música que entre no ouvido... E não desabou o teto...

— No elenco do *Sá da Bandeira* há dois artistas, macho e fêmea, que ganham, cada um, a bagatela de 7 contos e meio por mês. Como é

— A actriz Beatriz Costa, muitas vezes, quando representa, esquece-se que está no *Sá da Bandeira*, julgando-se no Parque Mayer.

— Afinal de contas, as récitas da moda no *Sá da Bandeira* morreram ao nascer. Foi uma, e viva o velho... Récitas da moda, agora, para quê? Já se foi embora o Erico, o árbitro das elegâncias, o ditador da moda...

— O actor Santos Carvalho quando larga uma piada é como as galinhas quando bebem água: olha para o ar. E até revira os olhos!...

— A casa dos picos, pela Hortense Luz, no *Avenida*, de Lisboa, desmoronou-se logo. Foi derrocada estrondosa e rápida. E' mais um sucesso do José Loureiro a juntar-se ao da companhia espanhola de revistas e a muitas outras...

— As coristas do *Sá* precisam de ovos para ver se se ouvem a cantar. Há um número na revista, por exemplo, em que está em cena um conjunto de dez figuras e, quando elas cantam, parece uma criança a cantarolar por entre os dentes... que ainda há de vir a ter.

— Beatriz Costa, por vezes, não representa, brinca no palco. Algum público ri e ela deixa-se ir na ilusão desse riso. Olhe que o público é como uma criança Beatriz: tão de-pressa ri como se enloda.

— E' pasmosa a facilidade com que, neste país de laduncho, se improvisam artistas de teatro. Um exemplo: Ivone Pereira, ainda recentemente corista, já é, hoje, actriz de declamação, ali no *Carlos Alberto*!

— O actor Vasco Santana, há um tempo a esta parte, muda amudadamente de *badine*...

— O *Campeão*, no *Carlos Alberto*, continua rijo e são como um péro. E o que é certo é que ele vai deixando o seu adversário *knock-out*...

— Rigorosamente suspensas as entradas de favor, diz o *S. João* na letra dos seus anúncios. Será por isso que ele tem tantas cadeiras vazias?...

— No Domingo à tarde fomos ao *Sá da Bandeira* ver, pela segunda vez, *A Feira da Alegria*, mas pagamos o nosso bilhete, ali na *batata*, como diz a gente de teatro. O ducto das cantores por Beatriz Costa e Teresa Gomes pôs-nos calafrios com tantos exageros, chegando mesmo a fazer eriçarem-se todas as exeresências capilares do nosso elegante corpo... Se aquilo é fazer teatro, então antes queremos ir ao circo...

— A actriz Cremilda de Oliveira, no *Campeão*, aparece pintada como um anjinho de antigo painel aldeão...

Entre outra sensacional colaboração, **MARIA RITA** publicará no próximo número, nesta secção: **Rijas e Irreverentes considerações sobre a crise teatral**

# AS

## O CALÇADO PREFERIDO PORQUE É O MELHOR

# BARROS



## VINHOS DO PORTO DE QUALIDADE SUPERIOR

Caríssima Andaluza:

Pego de novo na pena para regressar à tua lembrança dolorosa. Deves compreender quanto me custa andar assoalhando pelas colunas dos magazines a saúde do nosso matrimónio ausente, entre exprobações espontâneas e amouros que não vangloriam ninguém. Portanto, deves convencer-te de que o faço apenas por exigência do decoro da moral, e até, um pouquinho, pelo meu nome — ridicularizado pelas tuas bizarras extravagâncias. Tu és, linda Andaluza, um sonho desflorado das mil e uma noites. Portanto, eu que conheço o temperamento mórbido, inconstante, que te caracteriza, que não esqueço a vivacidade amimalhada das tuas vontades soberanas, — serei o primeiro, como na minha primeira carta o demonstrei, a descontar as tuas leviandades, a diminuí-las, a explicá-las, a perdoá-las, — tanto mais que ainda vivo na saúde dos teus lábios de romã...

Passou a época do mar e tu foste — pois então! — para Lisboa. Alugaste um lindo *appartement* nas Avenidas novas, compraste um vermelho e moderníssimo *Lancia*, e passas as horas — eu sei tudo, caríssima Andaluza! — mordiscando cigarretes caras, enlevada nos seus perfumes sensuais. Até aqui nada de novo, ou seja, nada que me pudesse ofender. O que tu fazes não passa afinal de um saboroso pecado venial. Os teus amantes devem ser os únicos a queixar-se — e tu, de todos, a primeira a não se importar com as lamentações deles.

O que nesta carta amiga te venho censurar é teres-te deixado apaixonar pelo sr. Erico Braga. Sei que vais tôdas as noites, febrilmente, ao Politeama, aonde êle canta umas cantigas tôlas, apaixonada pela sua figura cheia, elegante, perfumada... mas postiça. Que tu, que és moderna, persversamente elegante, almiscarada, te entregues ao carinho criminoso da *coca* ou ao sarilho desalmado dos *dancings*, vá. Eu já te disse que tu és um lindo sonho desflorado. Mas que, levada por um rebate falso, troques realidades imarcessíveis pelas aparências ilusórias do sr. Erico Braga, isso parece-me indigno do teu talento, da tua suntuosidade de mulher e leviana. O Erico, além de um mau actor, sem valor, sem talento, sem *drama* e apenas com *capachinho*, é um simples vulgar que um casamento a tempo salvou do anonimato. E' bom que eu te abra o espirito, Andaluza marquetada, para te salvar, pela primeira vez, do ridiculo.

O sr. Braga, o actor Erico como é conhecido, é no palco, uma espécie do sr. Júlio Dantas na literatura. Ambos se encontram e se parecem na mesma indumentária postiça das aparências. O sr. Dantas fingindo que fala ao ouvido de *Madame X*. O sr. Braga,

fingindo que tem madrigal pronto ou olhar fatal para as beldades que o miram.

A critica incompetente elouvaminha da capital, representada por certos imbecis magros, afirmou que ambos, o Dantas e o Braga, eram artistas com *allure*, com vigor, com alma, e, afinal, ambos juntos não servem sequer para trampolim dos outros.

Digo-te sinceramente, Andaluza, ainda que os teus olhos negros se humedecem de desilusão: o sr. Braga não merece a tua simpatia, o teu calor. Ele mesmo não saberia apreciar-te, por melhor *gosto* que lhe desse a tua posse.

Tu nasceste para o *chinfim*, para o movimento, para o ruído, para a arte. Os teus dois seios namorados, do tamanho de dois limões, não aprovariam um namôro estéril, fraquíssimo, com quem, em matéria de arte, só vive de favor.

Deixa-te do *fauteil* de orquestra que compras, diariamente, para o ouvir. Vai apreciar o Assis Pacheco, o Manuel Leren, o Gamboa, o Raul de Carvalho, os *noyos* com valor. Deixa-te de trampolinos, de analfabetos, de carrecas. O que tu queres é a vibração emocional dos grandes dramas, a percepção trágica da vida em todo o seu rigor. Não é um boneco de *pim-pam-pum*, como o sr. Braga, que te pode satisfazer.

Por isso, linda Andaluza, deixa o teu corpo venenoso de morena para a sofreguidão de quem o mereça e o aprecie. O sr. Braga não tem talento para o sentir, nem dentes para o trincar. Tem bons fatos, bons perfumes, sorrisos cuidados ao espelho, mas no cérebro tem tantas ideias quantos cabelos na cabeça (não no *capachinho*).

Espero que tu, linda saúde do meu amor distante, perdoas ao teu *ex* a semcerimónia do aviso. E' em beneficio do teu espirito — que vale, para mim, a mais florida das recordações... Beija-te as mãos, com ternura, o

Gil Vaz Júnior.



## No próximo número

Inquéritos passionais  
— O que é o Amor?

Opiniões formidáveis de: Dr. Leonardo Coimbra, Júlio Dantas, Cunha da Raza, Beatriz Costa, Joaquim Madsureira, Maria Helena, etc.

## do "Diário de Notícias"

Flor

Estás melhor? O pé? Beijos do J.

Como me acontece a mim, entristece tôda a gente saber que está, num jardim, uma flor e' o pé doente!

Cheio de tanta tristeza com as flores do seu canteiro, aquele Jota, com certeza que quer dizer Jardineiro...

Zeca

Não entra! O praso termina em 30. Tua Z.

Não entra?! Eu ia jurar que não o faz, a preceito!  
— A's vezes, isso de entrar é uma questão de geito!...

Mas a Zeca que não minta que ninguém acreditou!  
Se o praso termina em trinta, com certeza já entrou!

Parteira-Regente

Tratas de doenças das senhoras. R. 4 de Infataria, 34.

Este anúncio, francamente, tem maldade que tresanda!  
Uma parteira-regente é uma parteira... p'ra Banda!

E' parteira diplomada p'ra partos com sinfonia!  
E vê-se pela morada que é banda... de Infantaria!

Rita

De um serviço de jantar cartão azul. Fica transferida.

E esta? Que confusão nunca vi anúncio assim!  
Esta de jantar cartão, é novidade p'ra mim!

Anibal.

## Décimas... dentro do praso

Está tudo "grosso"!

Por Cuba, aquilo está mau,  
Tudo a arreganhar o dente,  
e o San Martin, presidente,  
Stá quasi a ficar sem... Grau.  
Trabalham o ferro e o pau,  
Uns nos outros a malhar;  
Tôda a gente a qu'rer mandar,  
Sendo uns a pedir... Baptista,  
Outros, Céspedes na pista...  
...Ou Sete Pés... p'ra cavar!

Tôda aquela trabuzana,  
Todo aquele desabar  
Ainda vem a acabar  
Numa... ceia à Americana.  
Fica em descanso a catana,  
Põe-se ponto na refrega,  
Vão todos para a sossega,  
Com o papinho bem cheio.  
.....  
Aquilo é Cuba?... Não creio.  
Parece uma grande adega!...

Bisnau.



Já se não pode, infelizmente, dizer que o Pôrto jogava com sol contra, porque a verdade é que o sol já estava quasi deitado.

Nesta parte o Pôrto meteu mais um *goal* e esteve prestes a meter mais. E o Académico esbarrou dois tiros contra as traves que o Brito e Cunha pontapeou.

O Forkas continuou a fazer o mesmo que na primeira parte com a agravante de não fazer mesmo nada.

Factos interessantes nesta parte só nos recorda aquele em que um tigre ia ficando sem camisa com grande gáudio da assistência. Ao ver-se descoberto, este jogador, nunca mais foi senhor de si, e passava a vida *offside*.

A' boquinha da noite, bem quizeram os tigres arranjar o empate; mas como estava escuro não chegaram a ver o Gregório. Durante alguns minutos e com o ataque cerrado dos Leões às rédes tigrinas o Soares dos Reis, sózinho entre as rédes parecia o *des-terrado*.

E' verdade: também jogou o Acácio.

### Notas finais

A coisa não redundou em nada do que se pretendia.

Nem os leões conseguiram ganhar por um resultado formidável, por uma diferença que demonstrasse a sobreposse a sua superioridade, nem os tigres alcançaram a sua solidificação.

Esperemos a nova vez para podermos ver alguma coisa mais.

Na assistência as caras dos grandes encontros, e aquelas de todos os Domingos.

Lá estava o Lino, das espingardas, o Cândido Mota de espada e de revólver e o Zé Ribeiro idem.

O Engenheiro Ferreirinha que anda agora desempregado, entretém-se a ver de estas coisas.

Vimos de volta dos Directores do Académico muitas caras ansiosas. E uma delas dirigindo-se a um deles só dizia esfregando as mãos:—A coisa *Navega* que é um consolo.

### Final

Continuamos a afirmar que estamos dispostos a financiar o novo encontro Pôrto-Académico. Querem?

Zé das Botas.



## O desafio Pôrto-Académico—Uma vitória do Pôrto e um húngaro que parecia uma carroça—Pormenores de grande importância e pormenores sem importância nenhuma

Afinal sempre succedeu como dissemos no nosso número passado. (Já nos não recordamos se dissemos o que vamos dizer; mas a verdade é que tínhamos muita vontade de o fazer).

O campo do Ameal muito antes das horas prescritas na receita, já estava quasi como um ovo. A assistência que não ia lá senão para ver os tigres e os leões, foi-se entretendo até às tantas com um desafio de luta Greco-romana entre as guardas-avancadas dos clubes em um jôgo.

Segundo ouvimos dizer tratava-se de um desafio de *rugby* um joguinho onde não há guarda-rédes e em que a bola não é precisamente uma bola. E' um melão que anda para ali aos boléus ora para trás ora para diante, fazendo com que os trinta rapazes, se esgadanhem, se cusпам, se rasguem, se rebolem, se mordam e se esganem uns aos outros.

Não houve, felizmente desastres pessoais a lamentar. Se bem que, de vez em quando desatassem a marrada aos grupos de 16, empurrando cada um com a cabeça o suprasumo do outro. E aquilo é tão constante que já há jogadores que se conhecem pelo cheiro.

O Académico nesta coisa apanhou uma cabazada que inda os netos dos netos deles não dá falar nela com respeito.

E' verdade: o árbitro era careca, e isto desvanece-nos.

### "Foot-Ball"

Quatro horas menos dez. Entram em campo os azues e brancos—os leões.

Trazem o Pinga entre eles. E a assistência, só para arriar o Emilio Viterbo e o Sousa Martins, do *Janeiro*, acolhe o Pinga com uma salva de palmas.

Entram depois os alvi-negros—os tigres—com o Forkas (será assim que se escreve e chama?) armado de um queixo e përas e o Carlos Alves de luvas maravilhosamente pretas.

E qual de baixo, qual de cima, desatam a bombardear as rédes próprias com se de outros fôsem.

Estava-se à espera do árbitro marcado pela Associação. Mas este não aparecia nem à mão de Deus Padre. Como tardasse, puseram-se os capitães

à procura de um que por acaso adregasse de ir ver o desafio esperanças em assistir ao funeral de um oficial do mesmo officio.

Mas nada. Eles estavam mas eram todos de gesso. Chegou a pôr-se à disposição de quem quisesse ir arbitrar uma carrela de mão para fugir melhor.

4 horas! E por fim lá appareceu um, o de sempre, muitissimo gordo da cinta para baixo e com muita força no apito.

Esboçaram-se gargalhadas e protestos; mas como já passava das quatro horas e ninguém queria ir na carrela, lá começou o jôgo.

### O jôgo

Nos primeiros 45 minutos não morreu ninguém. Houve um *goal* de parte a parte, e o Carlos Alves e o Nunes continuaram a fazer fitas. Também nos pareceu que o Pinga está um pouco mudado. Serão saúdades da Madeira?

O tal húngaro, a esperança máxima dos tigres, foi um formidável falhanço. Andou todo o tempo a fugir da bola e quando ela adregava de lhe bater nas pernas, fazia-lhe umas rabioscas com os pés e entregava-a a um leão. A mim deu-me a impressão que já estava comprado. Se não é isto, então o Académico tem de expatriá-lo ou metê-lo a jogar *rugby* a ver se perde o medo.

Antes do parafuso do Romaris do que este prego de meia-galiota.

Gostamos do Levy que era levinho de todo. E se não fôsse aquela cisma de chutar com o esquerdo sempre para pertinho, já começávamos a fazer castelos no ar pelos halves de parte a parte, e razoáveis defesas. Pena é que o Avelino continue a fazer brincadeiras; senão qualquer dia é certo.

### Intervalo

Contávamos que fôsse este o melhor bocado da tarde. A ayalhar pelo que succedeu nestes 15 minutos do primeiro encontro—Leões-Tigres—devia haver muita soma de pancadaria. Mas não! Foi um intervalo que em nada se differençou da primeira parte. Empataram todos.



# A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 33

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO

REDACTOR: REI DAS MUSAS

11 DE NOVEMBRO DE 1933

## QUADRO DE HONRA

### SABRIGAITA

Decifradores do n.º 31 — 1) Eurico, 2) Herdança, 3) Feve, 4) Sevado, 5) Numero, 6) Lãa, 7) Jaquina, 8) Betrina, 9) Vacamarte, 10) Lãdina, lana, 11) Balongo, bago, 12) Lumiar, luar, 13) Seolo, 14) Figueira de Castelo Rodrigo, 15) Moimenta da Beira, 16) Estarreja, 17) Cifra bale dds, 18) Voletim, 19) Quem andou não tem para andar.

Decifradores — Sabrigaita, 10: Reirobi, 18: Rei do Orco, 18: Serigaita, 18: Oinotna, 18: Rei Fera, 18: Amil, 17: Monteiro II, 17: Fantasma Negro, 17: F. Rodrigues, 17: Otopavlis, 17: Otter, 16: Sepol, 14: Só Darco, 14: Amarantino, 11: Feirante, 9: Xenofontes, 9.



## Charada em verso

(Ao Olegna)

(1)  
— Caminhe, seu lazarento, — 1  
Não armazene mais vinho  
Porque daqui a um momento  
Não atina co'o caminho.

Assim dizia o Vilela  
Ao amigo Mamarracho,  
Mas creiam, não é balela,  
Ele estava como um cacho!

Por fim o grande tachado  
Começou a vomitar — 2  
E eu fiquei mui chateado,  
Pois tinha que o aturar!

Esteve mais duma hora  
A deitar a carga ao mar;  
Por fim lá fomos embora,  
Mas êle sempre a oscilar!

Rei Fera.



## Novíssimas

(2)  
Nunca calculei que v. ainda admita  
um criado mudo. — 1, 1.

Só Darco.

(3)  
Acolá, na catedral, está a orar mi-  
nha mulher. — 2, 1.

F. Rodrigues.

(4)  
O peixe caiu na linha, porque a  
isca era um insecto. — 2, 2.

Monteiro II.

(Ao muito apreciado Busina pela sua n.º 7  
do n.º 23)

(5)  
Isso vírgula, Busina! Lá que eu  
siga uma senhora, que ande numa  
poeira por causa dela, vá... Agora  
um homem!!! — 2, 1.

Olegna.

(6)  
O imperador romano em sua casa,  
é nobre. — 2, 1.

Leão Pardo.

(7)  
O vento forte murcha a flor que  
aquela mulher tem no cabelo. — 2, 2.

Diso.

(8)  
Toda a gente nota com desgosto o  
mau cheiro que deita pela boca! — 1, 1.

Busina.

(9)  
Avistei a artista. Que soberba mu-  
lher!!! — 1, 2.

Sempre Pronto.



## Sincopadas

(10)  
3 — O magala, na guarita,  
Para o tempo se passar,  
Vai lendo a MARIA RITA  
E entrem-se a decifrar. — 2.

Diso.

(11)  
3 — No meu estabelecimento tenho  
uma peça teatral. — 2.

Monteiro II.

(12)  
3 — O porco é o animal que mais  
sofre de lazeira. — 2.

Busina.

(13)  
3 — Se me dás com a moca, meto-te  
um projectil na cabeça! — 2.

Fantasma Negro.



## Aumentativas

(A' simpática Serigaita)

(14)  
No baile, quando você tirou a má-  
scara, eu exclamei: Que amor de mu-  
lher! — 3.

Monteiro II.

(15)  
Quem pegou no pau que pertencia  
ao titular? — 2

Fantasma Negro.

(16)  
Conheço um homem que vendeu  
a cabeça por uma moeda. — 2.

Sepol.

## Mefistofélica

(17)  
Sai à procura do brataquão e, afi-  
nal, apanhei um coelho! — 2, 2 (3).

Busina.



## Tipográficos

(12 letras)

(18)

Crustáceo

Diso.

(9 letras)

(19)

|   |   |
|---|---|
| R | 5 |
| A | 0 |

Busina.



## Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portu-  
guesa com as letras da seguinte frase:

(20)  
D. MARIA: METEI NABO...

Sepol.

(21)  
DAR COM NEVE? É CASAR

Horaciano.



## Provérbio a adivinhar

(Ao ilustre Olegna)

(22)  
Um certo cavalheiro,  
Sem bom dinheiro,  
Um casaco que viu,  
Logo vestiu;  
Sem nada perguntar  
E pôs-se a andar.  
Mas um pouco adiante.  
O tal farsante,  
Com o dono esbarrou  
Que lhe pregou.  
Uma sova valente.  
E, novamente,  
Ficou, pois, êle despido,  
Aborrecido,  
Só lebrando-se, então,  
Dêste rifão:

.....  
.....?

Lérias.

Colega MARIA RITA:

Coimbra—Actualidades, pela pena do Adriano Peixoto, bom amigo e bom camarada, dá-nos uma série de inconfiências a propósito do próximo filme de Leitão de Barros.

Eu darei, também, algumas novidades aos meus leitores, seguindo a par e passo as inconfiências de Adriano Peixoto.

Elas aí vão:

Ação do filme passa-se em 1900. Uma das grandes novidades do filme será a canção *o Nabo e o grêlo*. Realmente deve ser interessante, interessante o curioso, ouvir a célebre canção do Nabo cantada por estudantes do grandes bigodeiras, de grandes melenas e de batinas sujas de caspa.

E o nabo, o nabo e grêlo, correm todo o mundo desde Penude até cacilhas.

Afinal o fonofilm de Leitão de Barros já mudou de nome. Passou a chamar-se *a balada de Coimbra*. Com todo este barulho feito em volta da balada de Coimbra é quasi certo que teremos Coimbra abalada!

Ramada Curto dialogará... ou não fôsse êle o autor de 12 peças mais ou menos dialogadas!

Há homens cuja ascensão é tam rápida que lembram foguetes em festa de aldeia.

Prefiro o sonho à realidade. No sonho construo a vida como me apraz.

Menano canta. Vamos ouvir novamente que o choupal anda um triste desassossêgo. E como vão andar?

Bem basta o Dr. Manuel Braga andar por cá a cortar choupos atrás de choupos sem dô nem piedade!

Leitão de Barros, *o Pabet português*, *o Fritz Lang luso*, *o René Clair nacional*, na opinião dos amigos, pediu o auxilio da Associação Académica

para proibir qualquer estudante de largar, durante as filmagens, qualquer som...

Mais pensamentos de Maritza: Na dor também existe prazer. Existe, pelo menos, o prazer de se saber que as pessoas que nos querem teem dô.

Uma carta é sempre um pedaço de coração que se envia.

«Um imbecil diz a uma mulher que ela tem uns lindos dentes».

«Um homem de espiritos fá-la rir». Um homem *comme il faut* mostra-lhe um cheque com cobertura.

Respostas de Florêncio: Ador é sempre dor. Só os sádicos tem prazer na dor.

As mulheres não passam de notas falsas em circulação... pelas ruas.

A mulher é o único pecado de Deus. Pecado porque roubou o homem para a fazer.

Prefiro a realidade ao sonho. E, afinal, de que me servia preferir o sonho?

Se uma carta é um pedaço do coração que se envia, como pretende Maritza, não há mulher alguma que tenha coração.

As mulheres são como os relógios de pulso — raras são aquelas que regulam convenientemente.

Estou, emfim, livre da lógica. Lá consegui demonstrar menos mal que a lógica não é uma batata.

E agora ter-me-ás, MARIA RITA, tôdas as semanas a conversar contigo. Abraça-te o

Mil Reis.

Não é Doutor. Nunca o foi.

Sarrabisca para ai umas *Economias Políticas*, onde os erros crepitam em girândola e as conclusões à *la diable* não rareiam.

Como é um apaixonado de numismática andou pelos Brasis, chapêu na mão e óculos fora do sítio, a pedinchar moedas.

Em troca fazia conferências, como poderia, para maior regalia do público, cantar o fado da Severa.

Ao regressar a Portugal trazia nas algibeiras algumas centenas de contos.

E vá de fazer um prédio cujo custo foi muito além da importância alcançada em terras di lá.

Se o procurarem no Pôrto, está em Oliveira de Azemeis; se correrem a Oliveira de Azemeis, encontra-se em Lisboa numa sessão de Academia; se entrarem na Academia, êle já deslizou para o Pôrto e, fechado no gabinete, faz o artigote de fundo para o seu periódico, gastando com êsse trabalho umas seis horas bem puxadas.

O seu valor intelectual é negativo. Há dias foi, por limite de idade, reformado da cadeira que regia, não sei onde. Está de parabéns o Ensino.

E' da Academia, já sabemos. Para lá entrar foi-lhe necessário fazer asneiras em abundância, o que nada lhe custou, porque a sua vida é desde o nascimento uma asneira continuada.

Usa, de vez em vez, uma bengala de duas caras, que lhe dá um bom e proveitoso andar.

E' rijo, é careca... e é mais coisas, muitas mais, que não vale a pena relatar.

Fernando.

## Os impossíveis dêste mundo

Ao meu amigo Luis de Sousa Oliveira.

- Comer cereja de cavalo.
- Promover toiradas na barreira do silêncio.
- Afastar mosquitos com varas aguilhões.
- Tomar leite da cabra do serrador.
- Dizer mal de alguém por trás das costas maritimas.
- Limpar a cidade de ilhas adjacentes.
- Extrair castanhas de ouriços caxeiros.
- Nivelar solos com o nível da dignidade.
- Apascentar o cavalo da Praça.
- Mitigar a sede com vinho quinado.
- Pastar no campo de Foot-Ball.
- Nutrir solípedes com fardos de recepções.

José A. Pereira da Costa.

Para Pintar paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos  
seca em 10 horas  
dura 10 anos

# Aquilo que nós sabemos

## Grande Concurso Poético da MARIA RITA

*Isto é como os antigos filmes em séries que foram a delícia da rapaziada no antigo Batalha. Por isso, segue o mesmo mote no número seguinte, no qual daremos a classificação da quadra premiada.*

Só quero mulher's, rainhas...  
P'ra estas, inda há reservas...  
Não reservo, das sardinhas,  
A rainha, das conservas!...

**Alfredo Cunha (Raza).**

A rainha das conservas  
Com o nosso corpo mexe;  
E cá p'ra mim, sem reservas,  
Mulher assim é... um bom peixe!

**Adriano X. Nel.**

A rainha das conservas  
Passou os seus trabalhinhos,  
P'ra dar, ao Dr. Amilcar,  
Dois tomates inteirinhos...

**A. B. de Leça.**

Os escritores de Gaia  
Enfrascaram umas ervas  
A que vão chamar — dá raia —  
A rainha das conservas.

**S. D.**

Minha sogra engarrafei  
Juntamente c'umas ervas;  
E no rótulo apliquei:  
A rainha das conservas.

**Só Darco.**

A rainha das conservas  
Com certeza é um peixão,  
Quando de noite, — nas trevas  
Cautela com o mexilhão.

**R.**

Vai ser eleita a rainha  
A rainha das conservas,  
Diademas na taíha  
E nos epicles com ervas.

**Reirobi.**

A' rainhã das conservas  
Já não tem á mesmá febre...  
Pós á c'róa, ná cabeçá  
Do Mártins e do Cásbre...

**Brasileiro de Prazins.**

A nabiça, bem picada,  
E' a rainha das ervas;  
O Dr. Matos, em calda,  
A rainha das conservas.

**Zé de Leixões.**

Vi um frasco arrolhado,  
Tem dentro parece-me ervas,  
Diz o letreiro colado!...  
A rainha das conservas.

**Octávia Maria.**

A rainha das conservas  
Estava a chorar na praia  
Porque alguém lhe disse há dias  
Que tinha a boca de raia!

**S.**

A rainha das conservas  
E' presumida e vaidosa  
Julga que não há no mundo  
Uma mulher mais formosa!

**S.**

A rainha das conservas  
Há dias comprei sardinhas  
E ao comê-las — sorte dura —  
Engasguei-me co'as espinhas!

**S.**

A rainha das conservas  
Quando estava a namorar  
Zangou-se co' o bem amado  
Por um beijo lhe furtar.

**Serigaita.**

A rainha das conservas  
Fui há dias encontrar,  
Nas ruas de Matozinhos,  
Sardinhas a apregoar.

**A.**

A rainha das conservas  
Com seu olhar tudo abrasa;  
Já lhe fez um madrigal  
O vate Cunha da Raza!

**Amil.**

A rainha das conservas,  
Com seu andar miudinho,  
Dá a impressão dumá arveloa,  
Que procura dar co'o ninho.

**Rei Fera.**

Abandona as iguarias,  
Procura sem mais reservas  
No Lopes Coelho Dias,  
A rainha das conservas.

**O.**

Rainhas, coisa sem geito,  
Tem havido às catervas...  
— Ao cetro só tem direito  
A rainha das conservas!

**Otopavlis.**

A rainha das conservas  
Reina, mas não quer abalos:  
Quer praia-mar pelas ervas,  
Sem barulhos e sem estalos...

**Alexandre Dumas Coisas.**

A rainha das conservas  
Governa a rir, é sensata.  
Não teme ódios nem reservas,  
— Sempre é rainha com lata!

**Gil-Berto.**

A rainha das conservas  
Dizem que está conservada...  
Eu até... e sem reservas,  
Eu até... nem digo nada.

**Delfim de Freitas.**

A rainha das conservas  
Ou d'outras coisas mais boas,  
São tódas mocinhas servas  
Que não valém umas c'roas.

**Sepol.**

São já tantas as rainhas  
Como no campo as ervas  
E uma das bonitinhas  
A rainha das conservas.

**A.**

A rainha das conservas  
Rainha à pouco eleita  
E dessas humildes servas  
Que ao trabalho se ageita.

**Amarantino.**

A rainha das conservas.  
Em pelotas é um carapau,  
Nem para estaca serve  
Mesmo para a do Nicolau.

**Hó! Rei Artur I.**

Querem que finde os combates,  
Passe tudo às reservas?  
Comam truta com tomates  
A rainha das conservas!

**Belmiro.**

Por todo esse mundo fora,  
Há rainhas como há ervas  
Só faltava vir agora,  
A rainha das conservas!...

**Rei dos Nabos.**

Gastam-se importantes verbas  
— Mas em julgo ser asneira —  
Promover uma vareira  
A rainha das conservas.

**M. = 2º**

## A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



DECIMA NONA PEÇA DO CONCURSO

## MELODIA CUBANA

(Comédia altamente dramática em 3 actos revolucionários)

### PRIMEIRO ACTO

No gabinete particular do general Perez. Este dita ao seu secretário um telegrama a mandar para o estrangeiro.

PEREZ — Ponha lá: O govêrno está senhor da situação...

UM AJUDANTE DE CAMPO (*entrando esfarrapado, ensanguentado e sobretudo muito encravado*) — Senhor, os revoltosos já estão cercando o palácio!

UMA METRALHADORA (*lá fora*) — Trac, trac, trac.

O SECRETÁRIO — E' verdade, oiço tiros.

O AJUDANTE (*levando um lenço ao nariz*) — E se não me engano andam já gases pelo ar...

PEREZ (*fugindo aterrorizado por uma porta secreta*) — Aguentem-se até eu conseguir pôr-me a salvo!

O AJUDANTE — O general foge das responsabilidades?

PEREZ (*fechando-lhe a porta na cara*) — Não, eu fujo mas é... dêles.

### SEGUNDO ACTO

No mesmo gabinete, uma semana depois. O major Inácio dita um telegrama para o estrangeiro. O secretário é o mesmo do acto transacto.

MAJOR — Há sossêgo absoluto em todo o país.

UMA BOMBA (*rebatendo fora*) — Pum!

MAJOR (*impassível*) — A paz reina por toda a parte.

UM AJUDANTE (*entrando em «sprint»*) — Meu comandante, o furriel Arliche pôs cerco à cidade e o exército aderiu em massa.

MAJOR — Estou ar... lichado!...

SECRETÁRIO — Sempre manda o telegrama?

MAJOR — Claro! O país está tão habituado a isto que já não se desassossega...

O AJUDANTE — E o major fica no seu pósto?

MAJOR (*digno*) — Certamente, como sou da aviação vou já tomar lugar no meu Junker's e levantar vôo.

O AJUDANTE (*entusiasmado*) — Bravo, vai a caminho do perigo!

MAJOR — Não meu caro, vou a caminho da América que é... parte quente.

### TERCEIRO ACTO

Um mês depois. Cenário idêntico e secretário idem. O furriel Arliche dita um telegrama.

FURRIEL — A ordem restabeleceu-se.

SECRETÁRIO — Peço perdão mas não escrevo.

FURRIEL (*irritadíssimo*) — Discute as minhas ordens? Querem ver que você é anti-situacionista?

SECRETÁRIO — Eu sou apenas bariguista.

FURRIEL — ...elemento pago por

Moscovo? Ora faça o que lhe mando e dê ao demônio o que sabe.

SECRETÁRIO — Mas senhor, se escrevo êsse telegrama há uma revolução pela certa... E' o costume.

FURRIEL — E que haja? Nós somos bastante fortes para a sufocar. Isto agora é outra louça, não é a indisciplina de antigamente.

UM AJUDANTE (*entrando enleado*) — Senhor, está ali fora...

O SECRETÁRIO — Não diga mais. E' algum cabo a chefiar uma revolta.

AJUDANTE — Está ali fora uma delegação que, em nome do povo, pede autorização para fazer uma revoluçãozinha, pois há já um mês que não se ouvem tiros e as saúdaes são grandes.

FURRIEL — E quem é o caudilho? Já escolheram?

AJUDANTE — Sim senhor, foi nomeado um alveitar.

SECRETÁRIO — Até que enfim encontramos o chefe condigno que irá curar as mazelas da nação!

Xicantunes.

### CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos e 20 quadros A Feira da Alegria.

Rivoli: O filme As mulheres amam os fortes.

Olimpia: O filme O Rei da Selva.

Trindade: O filme A Feira da vida.

S. João: O filme Alvorada.

Batalha: Os filmes Manchúria e Vingança de Aguias.

# Visitem ESPINHO--Magnífico Casino

Ora aqui temos nós a solução do concurso de

# QUAL É O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA?



O chapéu n.º 1 pertence ao homem n.º 3  
 " " " 2 " " " 5  
 " " " 3 " " " 6  
 " " " 4 " " " 4  
 " " " 5 " " " 2  
 " " " 6 " " " 1

E o homem n.º 7 é o tipo da cabeça descoberta

E dito isto vamos ao que importa:

No nosso próximo número, se fôr possível, daremos a lista de todos os decifreadores por categorias conforme o plano.

Devido à grande aglomeração de recortes enviados, é natural que não possamos incluir todos os nomes devidamente fixados, já no próximo número; mas nesse caso continuaremos de maneira a não dar ensejo a reclamações.

Até sábado próximo e toca a esfregar as mãos.

Brevemente outro formidável concurso da

## MARIA RITA

que como os seus antecessores será

◀ LUCRATIVO ▶ INTERESSANTE ▶ ATRAENTE ▶